

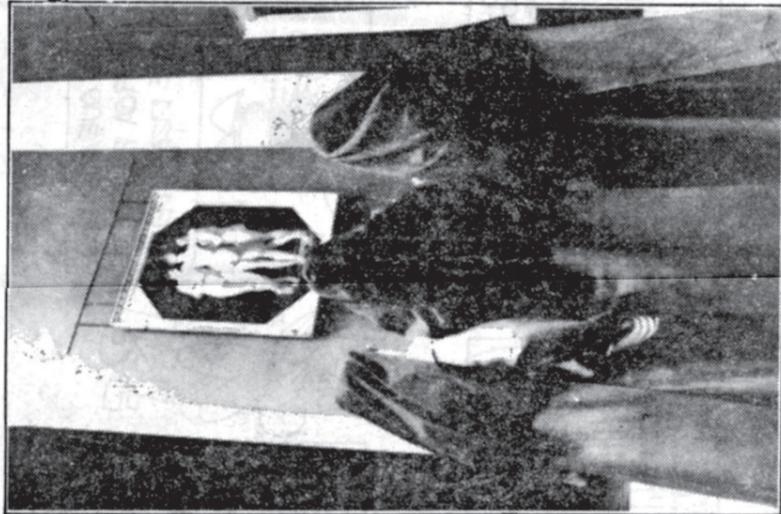
Drummond UM OLHAR BRASILEIRO SOBRE PARIS

DE repente este crocolunista (é isso mesmo, não sou uma nova espécie de crocodilo, apenas um cronista às vezes colunista, às vezes não) sumiu do Rio, sequestrado? Nada dissendido por dívidas ou malfeitos? Nada disso. Está vivendo em Paris, e pede que não lhe telefonem, não lhe escrevam, deixem o velhinho curtir sossegado a alma de Paris nas pequenas-grandes coisas parisienses, em companhia de um amigo.

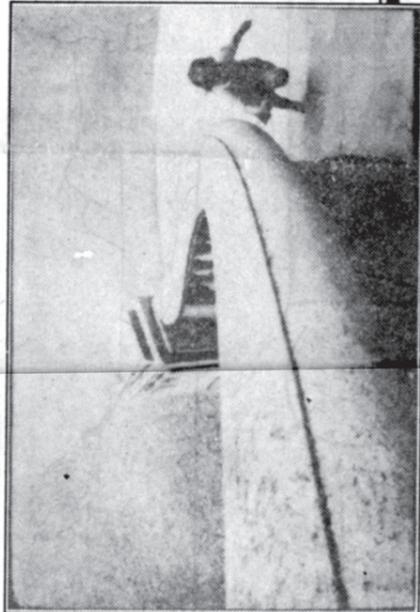
O amigo é Alécio, também de Andrade, embora não parente; amigo. A gente não precisa explicar os sobrenomes. O Alécio e eu nos entendemos. Quero ver Paris sem ser a maneira turística. Me interessa o lado menor das coisas grandes. O Louvre é dema-siado universal para mim. Então o Alécio espera que três freiras gravemente encapuzadas à moda antiga parem para contemplar As Três Graças peladinhas de Renault (...)

Pont-Neuf. Lá estão o pintor, a tela, o cavalete. Mas este pintor que Alécio me mostra não está pintando. Cabeça baixa, mão no queixo, ele talvez pinte para dentro (a palheta ficou na pasta aberta, no banco). Esse gênero de pintura dispensa materiais. E como a tela não pintada é bela! O Sena, fundo de quadro, desliza suas memórias. O pintor absteve-se, muito sensatamente, de acrescentar qualquer pormenor ao conjunto.

No cais de Conti, o homem sem cabeça passeia comigo e repito. Ele cobriu-a com a jaqueta. No Grand Palais, o que a vista recolhe com agrado é a grande curva da escadaria de pedra, e a formosa rítmadas parecem criar música, ou



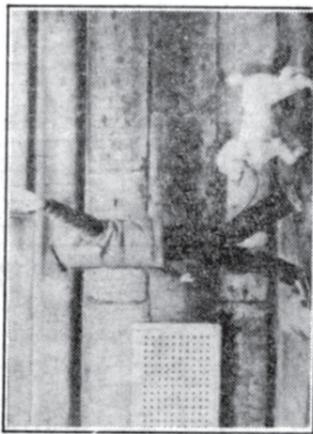
Alécio espera que três freiras gravemente encapuzadas à moda antiga parem para contemplar As Três Graças peladinhas de Renault (...)



No Grand Palais, o que a vista recolhe com agrado é a grande curva da escadaria de pedra, e a garotinha subindo o degrau (...)



Lá está o pintor, a tela, o cavalete (...) Cabeça baixa, mão no queixo, ele talvez pinte "pra" dentro



No Cais do Conti, o homem sem cabeça passeia com seu cãozinho (...)

20.6-81

estou ouvindo demais? Alécio vê o mínimo e extrai dele uma emoção visual.

Assim parisienses, sem guias e referências, e não é de admirar que a gente encontre, aqui, Darius Milhaud em sua cadeira de parafúscos, mais adiante Salvador Dali fazendo um dos seus números, e o nosso Otto Lara Resende em papo ameno com o nosso Claudio Melo e Sousa. Ou Mário Pedrosa, Paris, se bem que não conste do mapa, é também, seguramente, uma cidade brasileira. Não devemos sentir-nos esmagados diante do seu esplendor histórico e beleza de cultura clássica. A cidade dá para sentir o riso dos adultos, a naturalidade dos bichos, a crueldade também universal dos açougues, o comportamento milenar e sempre novo da juventude. Alécio conseguiu captar o lado Barra do Pirat de Paris, sem comprometer a graça peculiar de uma cidade que resume a ilustração de toda uma cultura, a luz de toda uma civilização.

Já agora, vamos deixar de mentir. Minha estação parisiense é fundada em 127 fotos de Alécio, editadas em álbum na Suíça, com estudo de Júlio Cortazar em alemão. O volume permite ir a Paris, ou ao cotidiano de Paris sem sair dos nossos cômodos: expõe seletiva do bizarro, do lírico, do imponderável da névoa e das águas de Paris que envolvem memória, tradição e vida comum. Alécio, o peraltão, não arregalou de espanto os olhos brasileiros para fotografar Laitécia; conservou-os bem serenos, com atenta sensibilidade, para recolher aspectos que traduzem o ser humano desfrutando ou cumprindo sua vida num cenário cheio de referências históricas: afinal, uma cidade onde se ama e trabalha e sofre e paga imposto e se chateia como nas outras.

Ele não desmascarou nem alcandorou Paris. Deu uma das versões da cidade, acessível ao entendimento, ao humor e à fantasia do "leitor" de fotos, e assim nos aproximou a todos desse monstro-sagrado que já despertou tantos sonhos pelo mundo a fora. O modo de Alécio ver e interpretar Paris, sem deixar de ser intelectual ou intelectualizado, é nitidamente humano. Isto honra e ilumina a sua arte de fotógrafo.

Carlos Drummond de Andrade



“Rita 81”, de Klaus Mitteldorf

FOTOGRAFIA

Das ondas do surf à moda

KLAUS MITTELDORF

● Fiorucci, Rio

Conhecido fotógrafo de moda, sobretudo para publicidade, Klaus Mitteldorf destaca, num dos vetores principais de sua exposição na Fiorucci, tal especialização. Ele não vê a mulher sob a perspectiva, por exemplo, de outra fotógrafa, Mary Dritschel, que dá ênfase nas suas fotos à natureza feminina de cúmplice e amiga. Para Mitteldorf, a mulher é sobretudo um suporte sensual para as roupas que fotografa.

A exposição de Mitteldorf, que além de fotógrafo também é arquiteto, reúne fotos de moda e de *surf*. O primeiro assunto é tratado de forma eficaz, contudo com poucas inovações, limitando-se o autor a empregar as receitas tradicionais dos bons fotógrafos da área. Que quase sempre se traduzem na combinação de uma modelo escultural, roupas bonitas e bem coloridas, os indefectíveis biquinhos e maneirismos do gênero.

Chamam a atenção as fotos que têm como tema central o *surf*. Nelas, Mitteldorf — abandonando os critérios mais ou menos rígidos da foto de moda com objetivos publicitários — mostra-se com muito mais agilidade. Ele aborda o

10

esporte tanto do ponto de vista do espectador quanto do próprio praticante. À vontade em meio às ondas, ele capta imagens vibrantes de luz e energia. Contrastando com os dois grandes temas da mostra, um pequeno grupo de fotos noturnas revela Mitteldorf ultrapassando os limites da correção profissional.

Pedro Vasquez▲

Um brasileiro em Paris

ALÉCIO DE ANDRADE

● Fotogaleria Fotoptica, São Paulo

“Temeroso e exaltado ao mesmo tempo, o viajante entra na cidade com passos de gato em território estranho. Gato de si mesmo embarcando-se em seu próprio salto, felpudo sigilo de aventura e deriva ali onde tudo é novo, onde tudo é outro.”

Assim Julio Cortázar começa seu texto para as 127 fotografias de Paris feitas por Alécio de Andrade, publicadas com o título de *Paris*, em edição da Verlag C.J. Bucher, de Munique. Esta não é a primeira incursão internacional do fotógrafo, desde 1964 radicado na capital francesa.

Mas vale a pena ver sua incursão paulistana atual, na Fotogaleria Fotoptica, onde a partir do dia 9 estarão 35 trabalhos seus, realizados pelos anos 70 afora, em Paris, com temas variados e ângulos insólitos. Ao lado de fotos de gente conhecida como Salvador Dali, Vinícius de Moraes, há paisagens e flagrantes de gente anônima. Uma foto tem um sentido especial: Henri-Cartier Bresson fotografando. Foi Bresson quem convidou Alécio a integrar a equipe da Agência Magnum, fazendo os trabalhos do fotógrafo brasileiro acontecerem no mundo internacional da fotografia. Num dos textos de apresentação da exposição, o artista Flávio Shiró fala de ambos: “O Bresson rouba a imagem, na sua discricção absoluta, e desaparece; o Alécio, ao contrário, muitas vezes conscientiza o fotografado naquele centésimo de segundo que precede a fabricação da pose ou de uma outra reação. Daí surgem muitas vezes estas expressões pouco convencionais que a fotografia petrifica pela magia do seu instante”.



Alécio: ângulos insólitos

ISTOÉ 11/11/1981

Divirta-se

FOTOGRAFIA/CRÍTICA

Um herdeiro de Bresson? Mesmo que ao primeiro contato sugiram essa ascendência, as fotografias de Alécio de Andrade (Fotogaleria Fotópica, rua Bela Cintra, 1465), não podem ser reduzidas à influência dessa única paternidade.

Certo, elas têm aquela organização de campo visual caracteristicamente bressonianas, o instinto do "momento decisivo" e o inefável ar "leica" que acompanha o trabalho do mestre e mito de muitas gerações de fotógrafos locais. Mas elas têm também um outro elemento básico, divisor de águas: um olhar maroto, otimista, um tanto "brasileiro", que incorpora e dilui não só as influências do fotógrafo mas de todo um clássico humanismo europeu, fonte de informação, formação e inspiração das gerações pré-*tevé* e Nova York.

Filho de um escritor, Almir de Andrade, e afilhado de outros como Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Marques Rebelo e, ele mesmo, ex-poeta com incursões pela literatura e cinema, Alécio de Andrade é um fotógrafo que consegue oxigenar os padrões calcificados de uma



Nas fotos de Alécio, uma parcela do mistério que é viver.

Uma piscadela marota para a "leica"

fotografia tipicamente francesa, demasiado atrelada a um estilo Bresson. Daí, talvez, o seu sucesso europeu, a sua integração no grupo da agência *Magnum*, o seu livro *Paris*, com introdução de Julio Cortazar, editado agora em outubro, na Suíça.

Sem se afastar da tradição nem da escola da fotografia de rua, dos flagrantes do cotidiano, dos retratos informais de personalidades, da atenção permanente para a realidade, gênero cultivado pelos europeus, em especial na França, depois do surgimento da câmera 35 mm., da ascensão

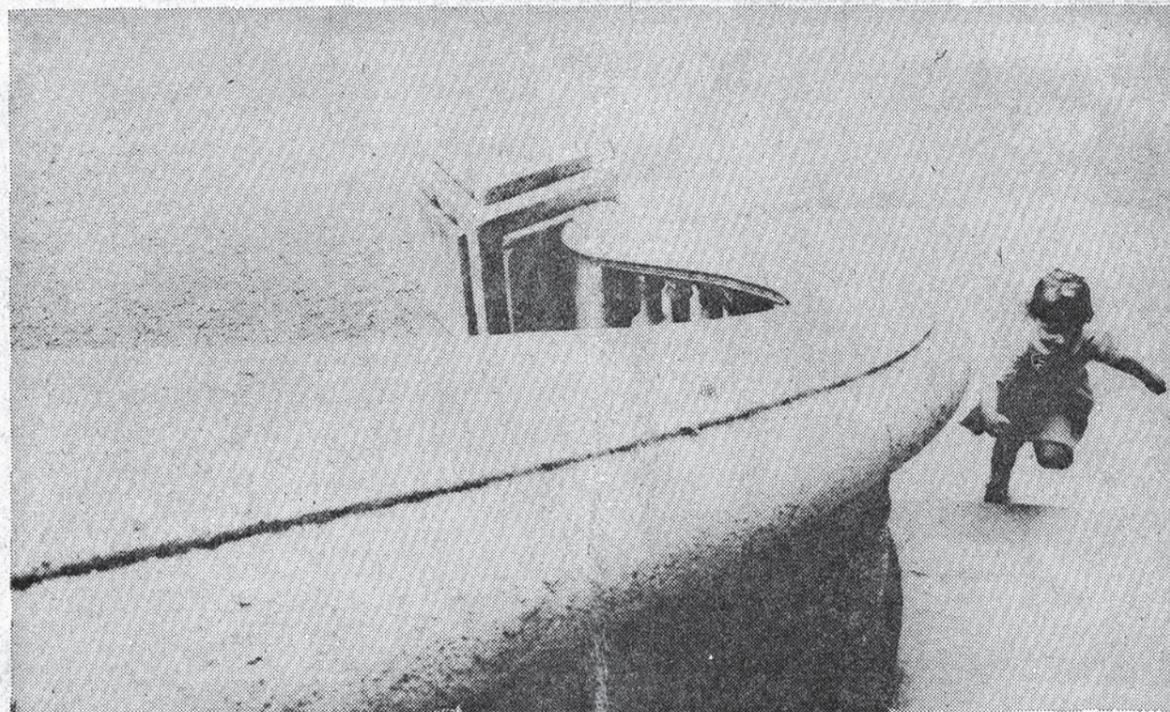
de Bresson e do foto-jornalismo da própria *Magnum*, este brasileiro ainda encontra uma brecha para fazer um trabalho vivo, poético, com mínimos resquícios de maneirismos.

A um estilo já conformado pelos anos e esterilizado pela repetição sem talento, ele adiciona o calor de sua presença, refletida nos olhos daqueles que fotografa. Impõe ao universo a sua volta um olhar generoso, infantil, às vezes debochado, mas sempre alegre e otimista. Da vida, ele só retira os momentos em que um gesto conjuga-se a uma postura, a um cenário e sugerem uma parcela do mistério

que é viver. É uma fotografia miúda, dos pequenos segredos, principalmente das crianças, um de seus temas prediletos.

Alécio de Andrade só paga um pesado tributo quando se torna narrativo ou corre atrás de *gags* visuais que se esgotam sem maiores significados. Nesse momento ele é tão chato e inexpressivo quanto qualquer outro membro do *fã-clube* de Henri-Cartier Bresson. Sorte que são poucos os exemplos destes deslizes nesta sua exposição.

Moracy R. de Oliveira



Mostra de Alécio de Andrade, até sábado na Fotogaleria Fotóptica

Paris marota e alegre nas fotos de Alécio de Andrade

STEFANIA BRIL

Beaubourg? Metrô? Torre Eiffel? Arco do Triunfo? — nada disso. É Paris marota, alegre, safada, humana que irrompe das fotos de Alécio de Andrade (a exposição organizada por iniciativa de Flávio Shiró na Fotogaleria Fotóptica, rua Bela Cintra 1465).

A fotografia é um certo olhar. E o olhar de Alécio, ao captar o real, envolve o com algo forte e terno ao mesmo tempo, algo seu. Ele, fotógrafo brasileiro residente em Paris, convidado por Henri Cartier-Bresson a integrar a equipe de agência Magnum, faz parte desta nova geração que, ao revesar os Cartier-Bresson, Jacques Henri Lartigue, Robert Dois-~~mes~~, injetam uma nova força dentro da fotografia humana.

Neste mundo agitado pelo medo permanente de "estar atrasado", Alécio consegue ainda a magia de parar o homem, sentá-lo num café para um "não fazer nada", um simples observar da vida. As imagens de Alécio, momentos parados, às vezes "sentados", respiram um dinamismo. Dentro da sua foto algo sempre acontece. A impressão é de um palco onde os atores representam sem jamais se repetir nem corrigir a sua atuação. Que peça mais fascinante!

O fotógrafo-diretor da peça não impõe a sua visão ao espectador. Ele o impele a esbanjar a liberdade de ver e ler a imagem. Aquele menino pequeno, sentado ainda num carrinho de bebê, com um jornal na mão (Miners - Power - Men - Victory) será um manifestante "consciente", informado (que imagem mais insólita e verdadeira ao mesmo tempo!), abrindo a boca num "grito de protesto", ou simplesmente uma criança, participante involuntária que boceja ao protestar contra o "passo" maçante.

A câmara de Alécio desenha as imagens. O corrimão requebrando-se em curvas (será que são as curvas cariocas "exportadas" para a França?) vão ao encontro de um ser pequenino galgando a escadaria imponente. Os elementos são poucos. A imagem é sóbria, dinâmica, bela.

Os retratos de Alécio revelam a sua

qualidade de saber observar, sentir e registrar sem se deixar impressionar pela importância do retratado. (O livro com as fotos de Alécio acaba de ser lançado pela editora Búcher com o prefácio de Julio Cortazar.) Arthur Rubinstein, indisciplinado, quase que escapa dos limites da foto. Ele o faz de maneira elegante, em diagonal, seu rosto parado num canto como se fosse uma assinatura do quadro, feita de cabeleira branca. Henri Cartier-Bresson é captado no seu "momento decisivo". O que mais significativo que congelá-lo, durante a sua atuação fotográfica, dentro de uma estrutura existente, feita de grades que se alinham, cruzam para emaranhar essa geometria da imagem e vida numa rede geométrica, fragmento de um momento desfocado, humano e vivo. Às vezes um elemento insólito prende a atenção do espectador. Um gesto da mão, como se fosse desvinculada do corpo, mão-porcelana introduz o olhar do leitor dentro do retrato para, em seguida, abraçar a imagem inteira de David Hockney e Shirley Goldfarb, o seu rosto, penteado e olhar feitos à la van Dongen.

As imagens que abrangem todas as tonalidades de cinza são portadoras de um clima. Parece que um spray espalhou o ar granuloso dentro de um ambiente denso numa boate parisiense, onde as pessoas quase que desprovidas da força da gravidade se movem, sombras perdidas.

Há uma foto curiosa, bela, que mereceria uma parede só (na montagem ela não se alia às seqüências cotidianas). É Paris diferente, Paris-natureza-morta, Paris-poema-visual de Alécio (sem os tetos entalhados de Kertész, nem janelas do poeta Izis). É a Paris que o fotógrafo ao mesmo tempo olha e incorpora dentro de sua imagem. É um roubo à garoa parisiense de uma luz suave. Alécio deixa a rua existir lá fora, mas, ao mesmo tempo, transporta-a carinhosamente ao aconchego aléciano, agasalhada numa neblina fria.

Alguém falou que o fotógrafo capta o universo não só com os seus olhos, mas com o corpo inteiro. Alécio respira o mundo com os seus poros e devolve-o ao espectador, mundo-imagem envolto com a sua essência cheia de poesia e ternura.